

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Movimento Sionista e a Intelectualidade Sul-rio-grandense - 1945-1952.

Carlos Eduardo Bartel*

Resumo: Este artigo analisa as estratégias utilizadas por emissários sionistas e demais militantes para a difusão do nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul, no período de 1945 a 1952. A participação e o envolvimento de intelectuais gaúchos nesse movimento facilitou a propagação e a circulação das idéias sionistas no Estado sulino.¹

Palavras-Chave: Movimento sionista - intelectuais – Rio Grande do Sul

Abstract: This paper analyses the strategies used by foreigners Zionists emissaries and others Zionists militants, from 1945 to 1952, aiming the Jewish nationalism diffusion at Rio Grande do Sul. The participation and the involvement of Brazilian southern intellectuals with the Zionist activity helped to spread the Zionist ideas at the southern state.

Key words: Zionist activity – intellectuals – Rio Grande do Sul

As idéias sionistas foram trazidas para América em diferentes períodos por imigrantes judeus e emissários sionistas vinculados à Organização Sionista Mundial. Mesmo não se referindo diretamente ao Brasil e nem sendo originalmente produzida neste país, tais idéias foram defendidas e divulgadas em terras brasileiras por judeus e não-judeus, dentre estes muitos intelectuais - definidos aqui pelo próprio contexto estudado, visto que considero como intelectuais aqueles que são reconhecidos dessa forma pelos demais, principalmente pelos meios de comunicação impressos, em especial jornais de grande circulação.²

Para elaboração deste artigo, foram analisados documentos institucionais e particulares, jornais, revistas, fontes orais, bibliográficas e livros produzidos por memorialistas étnicos. A relação das fontes de pesquisa encontra-se listada ao final do texto.

* Mestre em História - Estudos Históricos Latino-Americanos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) São Leopoldo/RS.

¹ Este artigo foi produzido em decorrência de uma pesquisa que analisou o movimento sionista no Rio Grande do Sul, tendo como referencia os emissários sionistas estrangeiros que vieram ao país com o intuito de cooptar militantes para a causa sionista, angariar recursos financeiros e propagar e difundir o nacionalismo judaico entre os judeus radicados no Brasil. Cf. BARTEL, Carlos Eduardo. **Os Emissários Sionistas e o Nacionalismo Judaico no Rio Grande do Sul. 1945-1952.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História – UNISINOS. São Leopoldo, 2006.

² Durante o período abordado, jornais que circulavam diariamente em Porto Alegre, como o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, definiam alguns de seus entrevistados, analisados neste artigo, como intelectuais.

O surgimento da idéia sionista e sua difusão da Europa para o Brasil e o Rio Grande do Sul

Theodor Herzl, idealizador do sionismo político, expôs ao mundo suas principais premissas através do livro *O Estado judeu*, publicado em Viena, em 1896. Neste, ele referia: “...as tentativas de colonização, feitas por homens verdadeiramente bem intencionados, não deram, [...] os resultados que eram de esperar, conquanto tenham constituído experiências bem interessantes”. Segundo Herzl a questão judaica não era um problema social ou religioso, mas sim “uma questão nacional” e, para resolvê-la era “preciso [...] fazer dela uma questão política...”. (HERZL, 1998: 47-48; 52). Dessa forma, conforme seu ponto de vista, o problema do anti-semitismo só seria resolvido através da criação de um Estado nacional judaico.

Em 1897, suas idéias foram discutidas no primeiro Congresso Sionista Mundial, sendo neste montada a estrutura burocrático-administrativa do movimento, através da fundação da Organização Sionista Mundial. Nos anos seguintes o projeto desenvolveu-se lentamente, devido o desinteresse por parte de judeus influentes na política Européia e em decorrência da morte de Herzl, em 1904.

Após vinte anos, já sob a liderança de Chaim Waizmann, a idéia sionista entrou em nova fase ao ser reconhecida como legítima pela Inglaterra, através da Declaração Balfour, em 1917. No entanto, no período entre-guerras, o movimento enfrentou novas dificuldades com a ascensão nazi-fascista na Europa, retomando suas atividades sem interferência após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando ocorre em diversas partes do mundo uma rápida propagação do projeto herzeliano, reforçado pelo genocídio nazista.

Essas idéias chegaram ao Brasil nos primeiros anos do século XX, trazidas por imigrantes judeus provenientes do leste europeu, sendo atualizadas por levadas imigratórias que desembarcavam no continente americano, as quais forneciam informações sobre o desenvolvimento do sionismo no velho continente.

Na década de 1920, com a fundação da *Organização Sionista do Brasil* no Rio de Janeiro, o movimento se institucionaliza, sendo o sionismo brasileiro representado pela primeira vez em 1921, em um “Congresso Sionista Mundial por um de seus membros dirigentes, Júlio Stolzenberg [líder sionista ‘carioca’] que na qualidade de delegado,

apresentou um relatório das atividades desenvolvidas pelo movimento no Brasil” (MALAMUD, 1983: 27).³

No Brasil o projeto sionista sofreu interferência da ditadura varguista (1937-1945) que tornou ilegal o movimento em 1938. Ao final do Estado Novo as atividades sionistas voltaram a legalidade, momento em que emissários, representando diferentes tendências do sionismo internacional, passaram novamente a percorrer o território brasileiro com o intuito de propagar⁴ a causa nacionalista entre os *judeus-brasileiros*.⁵

Os agentes sionistas tinham como objetivo formar uma consciência nacional judaica, cooptando para o movimento judeus radicados no país, os quais eram vistos como contribuintes de recursos financeiros para a causa e como futuros cidadãos para o Estado israelita imaginado. Para atingir este objetivo, a estratégia utilizada pelos agentes e demais militantes do movimento, foi a de promover campanhas para arrecadar fundos e realizar atos públicos, como palestras, festas, comícios e demais eventos, os quais ocorreram em diversas cidades brasileiras, como Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife, dentre outras.

Os atos públicos contaram com a presença de intelectuais, políticos e demais cidadãos, judeus e não-judeus. Através dessas atividades, propagava-se o ideal sionista, fazendo com que o movimento adquirisse notoriedade e legitimidade perante a opinião pública. Ao lembrar destas manifestações, um judeu de Porto Alegre, em entrevista concedida ao Departamento de Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/RS (ICJMC), mencionou o seguinte:

Havia manifestações públicas, ...lideradas por muitos elementos que hoje já são pessoas de idade e que naquela época eram jovens, tinham dezoito, vinte anos e foi em prol do reconhecimento do Estado de Israel, em prol da proclamação do Estado de Israel. Depois da proclamação, havia manifestações na imprensa, no rádio e passeatas também pedindo o apoio da comunidade total gaúcha e brasileira para que Israel fosse reconhecido como um Estado, apesar de proclamado ainda não tinha relações diplomáticas, e aquela campanha de esclarecimento da opinião pública nacional, do massacre do holocausto que houve naquela época é o preço que os judeus tinham pago pela incompreensão da humanidade por não ter dado refúgio porque, lamentavelmente, as portas de todas

³ Samuel Malamud, memorialista étnico do judaísmo brasileiro, foi a partir dos anos 1930 um dos principais líderes do Sionismo no país. Em seu livro **Do Arquivo e da Memória: Fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial** (1983), apresenta importantes informações, contribuindo dessa forma para a construção desta história no Brasil.

⁴ A definição de propaganda é entendida aqui em seu sentido literal, ou seja, como a difusão ou propagação de princípios, idéias, conhecimentos e/ou teorias.

⁵ A denominação de judeus-brasileiros, utilizada neste texto, refere-se aos judeus (imigrantes e seus descendentes) radicados no Brasil, independente de terem nascido ou não no país.

as nações, não só da América Latina, praticamente se fecharam quando os judeus tentaram fugir do nazismo.[...] No Brasil houve vários movimentos após a guerra, após 1945. Houve esses movimentos tanto do setor judaico e uma pequena minoria de elementos não judaicos... (WAINSTEIN, 1990: s/p).

Em novembro de 1945, o jornalista *carioca* Aron Bergman⁶ visitou o Rio Grande do Sul com o propósito de fundar no Estado uma instituição local vinculada a Organização Sionista Brasileira e Mundial. A Organização Sionista Unificada do Rio Grande do Sul (OSU/RS) foi a responsável pela promoção e realização da grande maioria das manifestações públicas e demais eventos envolvendo intelectuais sul-rio-grandenses.

A intelectualidade sul-rio-grandense e a propaganda sionista

Maurício Pecis, o primeiro presidente da OSU/RS ficou no cargo até junho de 1946, sendo substituído por Maurício Seligman, médico da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Sob a liderança de Seligman foram realizados diversos atos públicos que contaram com a participação de prestigiados políticos e intelectuais sul-rio-grandenses. Dentre estes, é possível destacar nomes como: Athos Damasceno, Érico Veríssimo, José Pereira Coelho de Souza, Herbert Caro, Manoelito de Ornellas e Moysés Vellinho, dentre outros, que ao defenderam e se posicionaram a favor das idéias sionistas no Estado gaúcho.

A OSU/RS, seguindo orientações do Rio de Janeiro, formou no Estado um *Comitê de Propaganda de Emergência* a fim de representar a comunidade judaica local em protestos contra o governo britânico, por limitar a entrada de judeus na Palestina. Um destes atos públicos ocorreu em Porto Alegre através de um comício realizado em 8 de julho de 1946 nos salões do Círculo Social Israelita.

No comício, Seligman em seu discurso mencionou: “...queremos que 100 mil judeus da Europa, sejam admitidos imediatamente na Palestina. [...] Os ingleses reforçam seus destacamentos militares, levam crianças e velhos para os campos de concentração, fazendo

⁶ Nesse período, Aron Bergman era vice-presidente da Organização Sionista Unificada do Rio de Janeiro. Cabe ainda referir que ao longo do ano de 1945, líderes e militantes sionistas de Porto Alegre reuniam-se, invariavelmente no Círculo Social Israelita, em torno do Comitê Pró-Palestina. Cf. notícia publicada no jornal *Correio do Povo*: Comitê Pró-Palestina lidera o movimento de livre imigração dos judeus sobreviventes na Europa para a Palestina. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 Nov. 1945 p. 3.

reviver o malfadado nazismo, que eles combatiam há pouco”. E, ao encerrar o mesmo, referiu:

Aqui estamos hoje reunidos, respirando liberdade e conforto, amparados por leais amigos que, não fazendo parte da comunidade judaica, vem nos dar seu apoio de homens amantes da liberdade, tolerantes e cheios de solidariedade humana neste momento decisivo para o povo judeu. Nós também somos brasileiros, estamos integrados nos problemas brasileiros. Queremos ver o Brasil cada vez mais prospero e respeitado. [...] Nós queremos que a Palestina seja um lar nacional para os judeus que para lá queiram ou se vejam obrigados a ir.

Creio supérfluo apresentar-lhes Érico Veríssimo e o Dr. Coelho de Souza, nossos, amigos e vossos conhecidos, que nos honram com sua presença e cuja palavra ouviremos esta noite.

Também agradeço o comparecimento de representantes da imprensa e dos nossos amigos não judeus que aqui se encontram, cuja presença nos honra e nos conforta.⁷

Além dos dois intelectuais que “dispensavam apresentações”, palestraram no mesmo evento Yoschua Auerbach, judeu nascido na Palestina, residente em Curitiba, o acadêmico Salus Laks, o advogado Isaac Siminovich, Jacob Kutz e Sidor Belarsky, apresentado como “cantor de fama mundial”.⁸

Os nomes de J. P. Coelho de Souza e Érico Veríssimo aparecerem em diversos livros de memorialistas étnicos e também em muitos depoimentos de membros da coletividade judaica do Rio Grande do Sul, conforme visto. Um destes depoentes lembra que em relação aos “trabalhos de orientação e explicação” dirigidos à população, “o General Ramiro Souto e o sr. Coelho de Souza eram bastante eficientes..., quer dizer, tanto em atos públicos, como pela imprensa escrita e falada [...] ...eram elementos de respeito, de gabarito” (BAS, 1990: s/p).

Sobre estas atividades, outro entrevistado refere:

⁷ Cf. Documentação do Arquivo Particular Maurício Seligman (Atividades Comunitárias Judaicas) localizado no Instituto Cultural Judaico Marc Chagall – ICJMC. A relação de Érico Veríssimo, J. P. Coelho de Souza, abordada a seguir, e também de Manoelito de Ornellas com o movimento sionista, é de fácil constatação, visto que seus nomes aparecem em diversas entrevistas do Acervo de História Oral do ICJMC, além de livros, jornais, documentos, etc. Sobre essas atividades ver também a documentação do Arquivo Particular Josef Szulin Halpern (ICJMC) e da Coleção Samuel Malamud, localizada no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

⁸ Sobre este encontro um periódico judaico noticia o seguinte: “A coletividade israelita de Porto Alegre, em protesto às brutais atitudes britânicas em Eretz Israel, assim como, não judeus conscientes, participaram no dia 8 de julho, num grande comício, no amplo salão do C.S.I onde se fizeram ouvir diversos oradores, destacando-se o Dr. J.P. Coelho de Souza, escritor Érico Veríssimo e o acadêmico Pinheiro Machado, que vieram dar sua solidariedade aos judeus, participando nestes protestos. Neste dia, o comercio israelita de Porto Alegre cerrou os seus expedientes às 16 horas, participando no grande protesto”. Cf. Protesto. HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 12, ano II, Abril-Junho de 1946. Periódico localizado no Arquivo Particular Josef S. Halpern - ICJMC.

O Coelho de Souza que nós até organizamos homenagens a ele, a ponto da biblioteca do Círculo Social Israelita, que naquela época era em cima do cinema Baltimore, passou a se chamar Biblioteca Coelho de Souza.

O Mem de Sá, o Coelho de Souza, o professor Martins Costa, o promotor Araújo, muitos líderes, todos líderes do partido Libertador [PL], mas amigos nossos, que até hoje são amigos. O doutor Rubem Maciel e outros, nós inclusive tínhamos tanta intimidade com eles que uma vez fizemos um Comício pró, de apoio, a declaração do Estado de Israel, no cinema Carlos Gomes e que só eles subiram a tribuna, [...] foi por nós organizado, mas foram só chamados os não judeus que estavam na tribuna fazendo discursos inflamados, declarações... (MALTZ, 1991: s/p).

A título de exemplo, acerca da relação entre intelectuais e israelitas, cabe referir que Érico Veríssimo e J.P. Coelho de Souza mantinham estreito vínculo com a comunidade judaica porto-alegrense, desde a década de 1930. O primeiro estabeleceu relações profissionais e de amizade com muitos judeus através de suas atividades na Editora e Livraria do Globo.⁹ Érico inclusive visitou Israel em 1966, a convite do Ministério de Negócios Estrangeiros israelense, sendo seu diário de férias transformado no livro *Israel em Abril* (1969).¹⁰ Já, o segundo, fervoroso ativista brasileiro durante a ação estatal, promovida pelo Estado Novo, conhecida como *campanha de nacionalização*, manteve parceria com os judeus ao combater grupos integralistas e nazistas no Rio Grande do Sul.¹¹

Em relação à participação dos intelectuais não judeus no movimento, um dirigente sionista daquele período, ao recordar às comemorações acerca da fundação do Estado de Israel em Porto Alegre, lembra que os judeus se reuniram no Círculo Social Israelita, onde foi organizada uma sessão solene na qual compareceram muitos amigos da coletividade israelita. Neste sentido, o depoente menciona: “quem organizou naquela época foi o Dr. Maurício Seligman e [estavam presentes] pessoas que sempre... compareciam, tinha por exemplo o Érico Veríssimo, o Coelho de Souza...” (EIZIRIK, 2000: s/p).

Após a proclamação do Estado judeu, e em meio às festividades em Porto Alegre, o jornal *Diário de Notícias* promoveu nos dias 19, 20 e 21 de maio de 1948 uma enquete perguntando: “Deve ou não ser sustentado o Estado de Israel?”,¹² sendo a mesma justificada da seguinte maneira:

⁹ No livro **Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul** (1984), de Moysés Eizirik, memorialista étnico e dirigente sionista nas décadas de 1940 e 1950, encontram-se algumas entrevistas realizadas pelo autor, na qual três entrevistados tornam visível esta aproximação. Ver em especial as páginas 150, 159 e 161.

¹⁰ Na obra **Israel em Abril**, Érico em algumas passagens fala acerca de sua relação com os judeus de Porto Alegre e de seu encontro naquele país com velhos amigos do Rio Grande do Sul. Ver em especial as páginas 75 e 276.

¹¹ J. P. Coelho de Souza em 1941, inclusive publicou um livro sob o título: **Denúncia: o Nazismo nas escolas do Rio Grande**, no qual faz um elogio a comunidade judaica sul-rio-grandense.

¹² No último dia da enquete a pergunta foi “Deve ou não ser mantido o Estado de Israel”.

O mundo civilizado [grifo meu] esta com os olhos postos no Oriente Próximo. A luta que se trava entre judeus e árabes transcende de seu aspecto racial ou local. Representa para a humanidade – que ainda confia em seus líderes – a prova de fogo da Organização que criou pensando em restaurar a paz e a concórdia entre os homens: a ONU.

Eis porque a atenção universal esta concentrada na Terra Santa, acompanhando emocionada o drama que ali se desenvolve. Sobre ele o DIÁRIO DE NOTÍCIAS procurou conhecer o ponto de vista de nossos intelectuais – escritores, livreiros, editores, jornalistas, professores, universitários -, objetivando, exclusivamente, trazer ao debate público o problema crucial do momento, sem que isso importe em endossar quaisquer das opiniões livremente emitidas e por nós recolhidas com puro espírito jornalístico.¹³

A pergunta foi feita a três grupos sociais – intelectuais, políticos e profissionais liberais. No entanto, limito-me aqui a analisar apenas as manifestações do primeiro grupo de entrevistados, formado por doze intelectuais.¹⁴

Com o objetivo de mostrar algumas idéias e valores expressados que contribuem para a análise e para caracterizar o contexto estudado, foram selecionadas, dentre muitas, algumas frases e opiniões emitidas pelos intelectuais na enquete de 19 de maio.

Neste sentido, Moysés Vellinho ao ser entrevistado mencionou: “a divisão da Palestina resultou de um ato solenemente aprovado pela Organização das Nações Unidas”, e que “o próprio mundo árabe, confuso e inorganizado [sic], metido ainda num feudalismo retardatário e opressivo, só têm a lucrar com os padrões de alta civilização que os judeus repatriados assentaram no deserto”. Seguindo a mesma linha, Manoelito de Ornellas, apresentando-se como “cristão e democrata” referiu que reconhecia “os sagrados direitos do povo de Israel sobre as terras da Palestina” como reconheceria “sempre os direitos dos povos da Síria, do Iraque e do Líbano de constituírem as suas pátrias, independentes, livres e soberanas”.

Por sua vez, Coelho de Souza, dizendo-se favorável ao reconhecimento Israel e motivado por “nossa tradição de solidariedade humana e democrática ético-social”, acrescentou: “se o governo do Gen. Dutra não reconhecer imediatamente o novo Estado de Israel, será esse mais um de seus desacertos, e mais uma vez revelará a sua lamentável tendência direitista”. Já, o escritor Reinaldo Moura, referia: “...só desejo que as potências não façam sujeira com os judeus, povo da inteligência de vanguarda, e detentor, agora, de todo o direito no caso da formação de seu Estado nacional”.

¹³ Enquete: Deve ou Não Ser Sustentado o Estado de Israel? **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 19 Maio de 1948. Última pág. e continuação p. 8.

¹⁴ São eles Érico Veríssimo, Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas, Coelho de Souza, Henrique Bertaso, Reinaldo Moura, Fay de Azevedo, Herbert Caro, Antônio Acauan, Maurício Rosenblatt, Athos Damasceno e Telmo Vergara Cf. Enquete: Deve ou Não Ser Sustentado o Estado de Israel? **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 19 Maio de 1948. Última pág. e continuação p. 8.

Ao final das entrevistas, constava ainda um “apelo ao Presidente Dutra”, enviado pelos intelectuais. O telegrama assinado por eles e por outros intelectuais, continha o seguinte texto:

Diante da injustificada e brutal agressão de que esta sendo vítima o novo Estado Judeu, pedimos ao governo brasileiro o imediato reconhecimento do Estado judaico legalmente constituído com o apoio do representante brasileiro, e insistimos na urgente utilização da influência do Brasil na ONU em defesa da paz internacional e existência do Estado de Israel. Respeitosas saudações.¹⁵

Em relação aos intelectuais entrevistados, cabe referir que todos foram favoráveis ao reconhecimento do Estado de Israel. Destes, dois eram judeus: Herbert Caro e Maurício Rosenblatt e três, Érico Veríssimo, J. P. Coelho de Souza e Manoelito de Ornellas, mantinham contato com militantes sionistas de Porto Alegre, participando freqüentemente de atividades públicas promovidas pela OSU/RS.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi demonstrar que o vínculo entre intelectuais e judeus sul-rio-grandenses se inscreve em uma ampla rede de relações que por diferentes razões (profissionais, político-partidárias, amizade, negócios, etc.) propiciou a aproximação e a interação social entre judeus e não-judeus.

Neste sentido, é possível afirmar que projeto sionista obteve êxito ao contar com a colaboração e a participação de diversos e diferentes grupos sociais. Dessa forma, os emissários sionistas encontraram no Rio Grande do Sul um contexto favorável para difusão e circulação de suas idéias.

Por sua vez, os intelectuais agregaram ao sionismo valores como justiça, civilização, progresso, democracia e liberdade, fazendo com que o movimento fosse visto com simpatia pelos demais e conquistasse adeptos e colaboradores tanto dentro, quanto fora do grupo judaico. E, ao se posicionarem a favor do nacionalismo judaico e defenderam essa idéia publicamente, emitindo suas opiniões através da imprensa e por meio de atos públicos, os intelectuais tornaram o movimento notório e legítimo perante a opinião pública sul-rio-grandense.

¹⁵ Ibidem. Cabe ainda dizer que a campanha de Reconhecimento do Estado de Israel pelo Brasil ocorreu em importantes cidades do país (como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo), movimentando diversos meios – políticos, intelectuais e populares – judeus e não-judeus.

Referências Bibliográficas:

- BARTEL, Carlos Eduardo. **Os emissários sionistas e o nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul. 1945-1952.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo, 2006.
- EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.
- GERTZ, René E. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo (UPF), 2005.
- GRINBERG, Keila (Org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GUTFREIND, Ieda. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- HERZL, Theodor. **O Estado Judeu: Ensaio de uma Solução da Questão Judaica.** Tradução de David José Perez. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.
- LIA, Cristine Fortes. **Bons Cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945).** (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Curso de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -PUCRS. Porto Alegre, 2003.
- MALAMUD, Samuel. **Do Arquivo e da Memória: Fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial.** Rio de Janeiro: Bloch, 1983.

Fontes Orais:

- BAS, Isaak. Entrevista n. 311. 0. Acervo de História Oral do ICJMC. Porto Alegre, 01/08/1990.
- EIZIRIK, Moysés. Entrevista n. 290. 0. Acervo de História Oral do ICJMC. Porto Alegre, 14/03/1990.
- EIZIRIK, Moysés. Entrevista concedida a Ieda Gutfreind. Núcleo de Estudos e Integração de Pesquisas em História Oral (NEIPHO)/ PPGH-UNISINOS. São Leopoldo, 16/08/2000.
- MALTZ, Jaime. Entrevista n. 389.0 Acervo de História Oral do ICJMC. Porto Alegre, 23/05/1991.
- WAINSTEIN, Bóris. Entrevista n. 046. 2. Acervo de História Oral do ICJMC. Porto Alegre, 1990.

Jornais e Periódicos comunitários :

Correio do Povo, anos de 1945 a 1952.

Diário de Notícias, anos de 1945 a 1952.

Folha da Tarde, anos de 1945 a 1948.

HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 12, ano II, Abril-Junho de 1946.